**o ciclo estral da fêmea felina silvestre em cativeiro**

**Mariana de Albuquerque Nacaratti1\*, Cibelle da Silva Rocha1, Sheila Cristina Ferreira da Silva1 e Luísa Andrade Azevedo2.**

*1Graduando em Medicina Veterinária –Centro Universitário de Belo Horizonte – UniBH – Belo Horizonte/MG – Brasil – \*Contato: marianaalbuquerque75@gmail.com*

*2Médica Veterinária autônoma– Belo Horizonte/MG – Brasil*

**INTRODUÇÃO**

O declínio significativo da população de felinos selvagens devido à perda de habitat e caça, evidencia a necessidade de preservação e conservação desses animais, desta forma os zoológicos e criadouros, tentam manter a linhagem genética e a biodiversidade dentre os felídeos, por meio da reprodução em cativeiro[2]. A maioria dos felinos não se reproduzem bem nesses locais por diversos motivos, como por exemplo o estresse do animal em cativeiros com ambientes inadequados[2]. A espontaneidade da ovulação nas fêmeas varia de espécie ou até de indivíduos da mesma espécie e algumas apresentam frequentemente uma ovulação espontânea, que são raramente observadas em outros animais[1].O objetivo da presente revisão foi conhecer a endocrinologia reprodutiva das fêmeas felídeas mantidas em cativeiro.

**MATERIAL E MÉTODOS**

Foi realizada uma revisão de literatura baseada em publicações compreendendo o período de 2007 a 2010. Foram realizadas buscas nas bases de dados SciELO e Google Acadêmico. Os artigos empregados foram escritos em dois idiomas, português e inglês. As palavras-chave utilizadas foram: silvestres, felinos, reprodução, fêmeas.

**REVISÃO DE LITERATURA**

A perda de habitat e a caça de felinos selvagens representam causas para a diminuição da população desses animais e, portanto, percebe-se que é importante manter a biodiversidade e a linhagem genética deles por meio da reprodução em cativeiro. Para que a reprodução em cativeiro tenha sucesso, é necessário compreender a endocrinologia reprodutiva dos felídeos cativos[1]. O monitoramento hormonal pode ser realizado através das fezes e urina, mas foi identificado que nos felinos boa parte dos esteroides gonadais são excretados nas fezes, proporcionando o acompanhamento das funções gonadais de forma e natural, sem a necessidade de expor os animais a uma situação de estresse[1,5].

A maior parte dos mamíferos detecta as mudanças estacionais por meio do foto período. Sendo assim, uma baixa quantidade de melatonina como resultado de maior período de luz, promove a produção do hormônio liberador de gonadotrofinas (GNRH), responsável por estimular a liberação de hormônio folículo-estimulante (FSH) e de hormônio luteinizante (LH) [3]. O GNRH atua regulando o seu comportamento reprodutivo sazonal, sendo passivo de alteração pelo ciclo de luz-escura, que atinge a ação hormonal da glândula pineal e tem como função o controle neuroendócrino do ritmo circadiano e da fisiologia reprodutiva[4].

O ciclo estral da fêmea felina é composto de cinco etapas, sendo elas proestro, estro, interestro, diestro e anestro. Caso o fotoperíodo seja realizado adequadamente, a fêmea pode realizar consecutivamente o proestro, estro e interestro, sem ovulação, com ou sem acasalamento, podendo ocorrer variações entre cada espécie e indivíduo[1].

O proestro é a primeira etapa do ciclo estral. Nele, muitas fêmeas felinas apresentam um comportamento mais afetivo, mas ainda assim, não aceitam a monta do macho. Essa etapa é tão sutil que, normalmente, é difícil detectar. Durante essa fase, o FSH, produzidos na hipófise, estimula a formação folicular ovariano[1].

O comportamento mais receptivo ao acasalamento caracteriza o estro. As fêmeas passam a apresentar sinais de vocalização, agachamento, rolamento, lordose, esfregasse contra a superfície, deflexão da cauda, aumento da secreção vaginal, receptividade e afeição[2].

Quando a ovulação é induzida pelo estímulo físico, como o coito (fator crucial é a liberação de hormônios luteinizantes), a ovulação acontece na fase de estro e necessita de uma quantidade adequada de LH liberado e, geralmente, de várias cópulas para ocorrer, que corresponde a quantidade de cópulas. Porém, se tem registro de altas concentrações de progesterona sérica ou progestágenos fecais e existência de corpo lúteo (CL) em felinos fêmeas que não obtiveram contato físico com um macho. Demonstrando, através desses resultados, que fêmeas de algumas espécies são capazes de realizar ovulação espontânea esporadicamente[1].

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É evidente que a caça de felinos selvagens e a redução dos habitats desses animais têm como consequência uma redução significativa na população desses animais. Os desafios para a conservação de espécies de felinos selvagens são inúmeros e vários deles estão relacionados ao monitoramento do ciclo reprodutivo das fêmeas. O monitoramento é importante para o êxito na reprodução dessas espécies em cativeiro e o conhecimento da endocrinologia reprodutiva das fêmeas dessas espécies é imprescindível para que ele seja feito de maneira eficiente e contribua para o mantimento da biodiversidade. Por esse motivo, percebe-se a necessidade de identificar as peculiaridades de cada espécie, garantir a qualidade das amostras fecais, conhecer as etapas desse ciclo, garantir um ambiente confortável e um fotoperíodo ideal para obter sucesso nesse monitoramento e, consequentemente, na preservação das espécies.

**APOIO:**